

OPINIÃO PÚBLICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A POPULARIDADE DOS GOVERNANTES SUL-AMERICANOS SOB ANÁLISE¹

Matheus Leite do Nascimento²

Em face a crises globais e ameaças de natureza externa, abre-se brecha para que lideranças nacionais mobilizem a opinião pública e unifiquem os cidadãos do país em torno de um compromisso em comum. Numa crise como a da Covid-19, espera-se que a capacidade de liderança no enfrentamento repercuta no nível de confiança dos cidadãos e na avaliação dos mesmos sobre esses mandatários.

No entanto, esse tipo de calamidade se apresenta como um desafio sobretudo numa região como a América do Sul. A existência de problemas crônicos, como a presença de um mercado de trabalho com alto grau de informalidade, a ausência de um aparato estatal robusto e de sistemas de saúde equipados com recursos adequados (Malamud; Nuñez, 2020), condiciona os líderes políticos a dificuldades pré-pandêmicas. No presente texto, avaliamos as ações dos governantes da Argentina, do Brasil e do Chile, e de que forma isso incidiu sobre suas taxas de aprovação em três momentos distintos da pandemia.

Além de variarem em nível de rigidez, as políticas de enfrentamento implementadas pelos governantes foram recebidas pelas populações de maneira própria dentro de cada contexto. Enquanto os presidentes de Argentina e Chile viram um salto seguido de uma deterioração da sua popularidade, o governo brasileiro conseguiu manter sua imagem estável com uma leve oscilação para cima ao longo do recorte aqui trabalhado. A tabela a

1 Este texto é uma produção do grupo de iniciação científica COVID-RI, contemplado no Edital de Iniciação Científica 2020/2021 do Centro Universitário Estácio do Recife.

2 Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe (DRI/UFS).

seguir ilustra a variação na taxa de aprovação dos presidentes e o nível de rigidez das políticas incorporadas:

Tabela 1: Relação entre aprovação dos presidentes e rigor das políticas de combate à pandemia

<i>1º período da amostra</i>	Data reportada	Taxa de aprovação do mandatário ³	Índice de rigidez das políticas de combate à Covid-19 ⁴
Argentina	31/04/20	69%	88.89
Brasil	27/04/20	33%	77.31
Chile	23/04/20	24%	73.15
<i>2º período da amostra</i>			
Argentina	31/07/20	53%	90.74
Brasil	12/08/20	37%	72.69
Chile	30/07/20	20%	84.72
<i>3º período da amostra</i>			
Argentina	31/10/20	40%	88.89
Brasil	10/12/20	37%	77.31
Chile	30/10/20	17%	73.15

Fonte: Elaboração do autor com dados de pesquisas de opinião e do *Our World in Data*

Quando a situação epidêmica se deu início na Argentina, o país se encontrava com um presidente recém-eleito. Alberto Fernández agiu rapidamente e implementou medidas de prevenção, decretando quarentena total de 19 a 31 de março (González, 2020). Num país marcado pela polarização política, Fernández soube utilizar a gravidade do contexto para diluir a dinâmica de divisão entre pró-Kirchner/anti-Kirchner que perdurava desde 2007 (Malamud; Nuñez, 2020). Seus discursos foram marcados pelo apelo à união entre os cidadãos argentinos e pela ênfase à necessidade de se cumprir

3 Índices de aprovação auferidos com base em pesquisas de opinião realizadas em cada país: Poliarquía (Argentina); Datafolha (Brasil); Cadem (Chile).

4 Nível de rigor das políticas de combate à pandemia segundo o *Stringency Index*, disponibilizado pelo *Our World In Data*: <https://ourworldindata.org/covid-government-stringency-index>.

os protocolos recomendados pela comunidade científica e especialistas em saúde. O presidente mencionou ainda que o coronavírus representava uma mudança nas prioridades do governo, colocando a preservação da saúde no centro de sua agenda em detrimento de questões como a renegociação da dívida do país e a questão fiscal (Le Monde, 2020).

A severidade com que Alberto Fernández conduziu a crise sanitária fez com que a quarentena argentina fosse uma das mais longas do mundo, o que explica a constância ao longo dos meses nos números do *stringency index* registrados na nossa tabela. Quando criticado por sua postura, Fernández chegou a retrucar dizendo que não estava obcecado com a quarentena, mas sim com a saúde dos argentinos (Charleaux, 2020). O sucesso do seu discurso entre a população foi tamanho que, embora muitos tenham advertido que o isolamento social afetaria a situação econômica do país, 8 em cada 10 pessoas de diferentes camadas sociais dizia que a quarentena era correta e deveria continuar (Kollmann, 2020). Tal capacidade de coesão social garantiu que Fernández obtivesse uma taxa de aprovação de quase 70% ao final de abril.

Não obstante, por mais que esse rigor no combate à pandemia tenha se mantido durante longos meses, os índices de aprovação do mandatário não o acompanharam na mesma proporção. Ao final do mês de outubro, menos da metade dos argentinos aprovava a gestão de Fernández durante a crise. Com medidas de restrição e isolamento social que duraram mais de sete meses, a quarentena no país passou a ameaçar a sobrevivência de diferentes setores econômicos. O presidente chegou a outubro com um índice de reprovação na casa dos 47%, 3 pontos a mais que no mês de setembro (Paraleo, 2020). Reflexo disso foi uma onda de protestos no país no dia 12 de outubro que ficou conhecida como “Banderazo”.

A explicação para a dificuldade em sustentar a popularidade com essas medidas se dá a partir dos reflexos socioeconômicos no país: durante a pandemia, a Argentina passou a registrar um número de 4,7 milhões de indigentes; a quantidade de pessoas vivendo em condições de pobreza chegou aos 18,5 milhões, correspondendo a uma parcela de 40,9% da população (Charleaux, 2020). Para Llanos (2020), as medidas de isolamento social podem

contar com adesão no curto prazo, mas se fatores como a inflação e a alta do dólar não forem controlados a médio prazo, a tendência é que os índices de aprovação voltem ao ponto anterior à crise ou a patamares ainda piores. Prova disso é como os argentinos reagiram a uma análise da administração presidencial, já em dezembro: para 82%, a pandemia apareceu como fator chave para classificarem a situação do país como não boa; porém, apenas 29% atribuíram a situação ao vírus; enquanto 49% indicaram que os principais problemas eram econômicos (Simondet, 2021).

Contrastando com o seu vizinho do Cone Sul, desde que a crise sanitária se alastrara entre fevereiro e março, os discursos do presidente Jair Bolsonaro foram marcados pelo ceticismo e pela relativização da gravidade da situação mundial. Somente em março de 2020, mês em que OMS decretou a pandemia do novo coronavírus, Bolsonaro afirmou de início que estaria havendo uma histeria; criticou o “alarmismo” em torno da pandemia e declarou que no Brasil a situação não seria tão grave, pois o país não tinha uma população tão velha quanto a da Itália; depois, o presidente fez um pronunciamento em rede nacional, no qual disse que a Covid-19 não passava de uma “gripezinha” (Arcanjo, 2021). Na ausência de uma resposta do governo federal, coube aos estados implementarem políticas de restrição de circulação. A errática política do presidente brasileiro com relação à pandemia também resultou em duas mudanças de ministros da saúde em um mês – entre 16 abril e 15 maio (Benítez et al, 2020).

Apesar disso, Bolsonaro manteve seu índice de aprovação na faixa dos 33% em abril, tendo visto essa porcentagem sofrer uma variação para cima nas pesquisas de opinião posteriores do Datafolha. Um dos fatores que explica essa tendência reside no fato de que, mesmo num momento de calamidade, o presidente não buscou congrega a população em torno da pandemia e persistiu na sua estratégia de comunicação direta com o seu núcleo duro de eleitores. Ao procurar manter sua base sólida e coesa, Bolsonaro visava garantir ao seu lado uma fatia do eleitorado que corresponde entre 25% a 30% da população (Nexo, 2020). Essa estratégia garante ao presidente uma unidade de apoio para se escorar mediante a mobilização desses eleitores.

Mas o que explica a oscilação para cima e estabilização na casa dos 37% nas pesquisas seguintes? Para isso, podemos apontar uma variável importante: o auxílio emergencial de 600 reais, destinado aos desempregados, trabalhadores informais e beneficiários do Bolsa Família. Essa política de apoio financeiro articulada pelo Congresso em março de 2020 beneficiou mais de 67 milhões de brasileiros, o que pode ter colaborado para o crescimento da popularidade de Bolsonaro (Roubicek, 2021). Entre aqueles que receberam o auxílio, 42% consideraram o governo ótimo ou bom, enquanto para os que não recorreram à política a aprovação ficou no patamar de 36% (Datafolha, 2020). O impacto do auxílio na popularidade de Bolsonaro pode ser visto ainda quando analisamos o seu efeito na imagem do presidente no Nordeste, onde 45% da população usufruiu do programa. Segundo o Datafolha (2020), a rejeição ao presidente caiu de forma vertiginosa nessa região no mês de agosto, passando dos 52% para 35%.

Além disso, Sanches, Cardomingo e Carvalho (2021) demonstraram que o auxílio emergencial exerceu um papel estabilizador na economia brasileira. Simulações conduzidas pelas pesquisadoras demonstraram que essa política foi responsável por evitar que a economia sofresse uma queda mais brusca em 2020, prevenindo um declínio entre 8,4% e 14,8%. Isso porque o efeito multiplicador do auxílio serviu para equilibrar a razão dívida/PIB ao atenuar a queda de arrecadação de impostos; além de ter evitado que a queda no consumo das famílias ficasse entre 11 e 14,7%, ao invés dos 6% previstos.

O Chile, por sua vez, vivia uma situação singular quando a pandemia desembarcou. O país andino passava por um processo de ebulição social resultante do descontentamento da população com o modelo econômico e social vigente, em especial com o seu sistema de previdência misto (Garcia et al, 2020). Quando a Covid-19 chega no início de março, um referendo de reforma constitucional que estava marcado para 26 de abril foi adiado para outubro e vários grupos que promoviam protestos no país foram impedidos pelo toque de recolher instituído pelo governo (Malamud; Nuñez, 2020).

O presidente Sebastián Piñera contava com apenas 6% de aprovação em janeiro de 2020. Contudo, as pesquisas realizadas pelo Instituto Cadem

mostram que até o final de abril Piñera registrou um aumento exponencial na sua taxa de aprovação, alcançando o patamar de 24% ao final de abril. A crise sanitária permitiu que o mandatário tomasse frente da situação e exercesse liderança em meio à catástrofe mundial. O Chile adotou medidas dinâmicas, como quarentenas obrigatórias em alguns condados durante um curto período (2-3 semanas), e, em seguida, flexibilizadas com base em indicadores epidemiológicos. Além disso, o país não fechou o transporte público (Benítez et al, 2020). Esses fatores ajudam a explicar por que o índice de rigor no país se manteve na casa dos 73.15 ao final de abril, com uma alta dos casos entre junho e julho que justificaram a adoção de uma quarenta mais rígida (84.72, no indicador) (BBC, 2021).

O governo também lançou medidas econômicas para beneficiar famílias vulneráveis, pequenos negócios e empregos. Entre elas, Sebastián Piñera implementou subsídios para pessoas na economia informal, renda emergencial para 4,5 milhões de cidadãos, bônus para pequenas empresas e cestas básicas para famílias da classe média e necessitados (Montes, 2020). Mesmo assim, novos protestos eclodiram ao final de maio por conta da escassez de alimentos em alguns setores da população (Garcia et al, 2020). O Instituto Nacional de Estatística (INE) reportou que a taxa de desemprego em 2020 subiu 3,5 pontos com relação ao ano anterior, chegando a situar-se em 10,7%. Dentro do trimestre móvel de maio e julho de 2020, um total de 1.286.673 pessoas declararam que o motivo de não procurarem emprego estava relacionado à pandemia (INE, 2021). Ao final desse mesmo período, apenas 39% dos chilenos aprovavam a gestão do governo com relação à pandemia (Cadem, 2020). Esses dados, atrelados ao pano de fundo de convulsão social no contexto pré-pandêmico, ajudam-nos a entender por que o mandatário viu essa sobrevida de popularidade decrescer ao longo das pesquisas realizadas nos trimestres posteriores.

A variação na popularidade dos três presidentes durante a pandemia nos mostra que medidas de contenção mais rígidas não necessariamente irão se traduzir em maior popularidade ao longo do tempo. Ao contrário, se essas ações significarem perdas econômicas para população, a tendência é que isso

respingue negativamente na imagem do mandatário. O exemplo do Brasil se torna emblemático: mesmo com a inércia do presidente, o auxílio emergencial se mostrou uma boa política de redução de danos socioeconômicos e assegurou um aumento na sua popularidade.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, D. (2021). Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 08/03/21.

BENÍTEZ et al. (2020). Responses to COVID-19 in five Latin American countries. **Health Policy and Technology**. 30 de set. de 2020.

CADEM. (2020). **Encuesta Plaza Pública**: Cuarta semana de Abril – Estudio nº328. 22 e 23 de abril de 2020.

_____. (2020). **Encuesta Plaza Pública**: Quinta semana de Julio-Estudio N°342. 29 e 30 de julho de 2020.

_____. (2020). **Encuesta Plaza Pública**: Cuarta semana de Octubre-Estudio N°354. 22 e 23 de outubro de 2020.

CHARLEAUX, J. (2020). Como a pandemia pressiona a saúde e a economia da Argentina. **Nexo Jornal**, 07 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/10/07/Como-a-pandemia-pressiona-a-sa%C3%BAde-e-a-economia-da-Argentina>. Acesso em 06/03/21.

BBC. (2020). **Coronavírus**: Por que o Chile tem, ao mesmo tempo, boa vacinação e alta taxa de contágio. Acesso em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56371512>. Disponível em: 09/03/21.

Le MONDE. (2020). Cuidar de todos, de todas e de todes: O discurso do Alberto Fernández na Argentina. BBC, 12 de mar. de 2021. Disponível em: https://diplomatie.org.br/cuidar-de-todos-de-todas-e-de-todes-o-discurso-do-alberto-fernandez-na-argentina/#_ednref35. Acesso em: 05/03/21.

DATAFOLHA. (2020). **Avaliação do presidente Jair Bolsonaro**. 11 e 12 de agosto de 2020.

_____. (2021). **Pesquisa Nacional**: Avaliação do presidente Jair Bolsonaro. 20 e 21 de janeiro de 2021.

GARCIA et al. (2020). COVID-19 Response in Latin America. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**. v. 103, n. 5, p. 1765–1772, novembro de 2020.

GONZÁLEZ, E. (2021). Argentina entra en cuarentena obligatoria hasta el 31 de marzo. **El País**, 2020. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2020-03-20/argentina-entra-en-cuarentena-obligatoria-hasta-el-31-de-marzo.html>. Acesso em: 07/03/21.

INE. (2021). **Casi 1,3 millones de personas declararon que la razón principal para no buscar trabajo durante el peak de la pandemia fue el COVID-19**. Disponível em: <https://www.ine.cl/prensa/detalle-prensa/2021/03/08/casi-1-3-millones-de-personas-declararon-que-la-raz%C3%B3n-principal-para-no-buscar-trabajo-durante-el-peak-de-la-pandemia-fue-el-covid-19>. Acesso em: 10/03/21.

KOLLMANN, R. (2021). Coronavirus: fuerte aprobación a la cuarentena que dispuso Alberto Fernández. **Página 12**, 16 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/259818-coronavirus-fuerte-aprobacion-a-la-cuarentena-que-dispuso-al>. Acesso em: 05/03/21.

MALAMUD, C.; NUÑEZ, R. (2021). **The coronavirus crisis in Latin America: increased presidential power without solid foundations**. Disponível em: http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_en/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_in/zonas_in/ari45-2020-malamud-nunez-coronavirus-crisis-in-latin-america-increased-presidential-power-without-solid-foundations. Acesso em: 07/03/21.

MONTES, R. (2020). Crise impulsiona a retomada dos protestos no Chile. **El País**, 24 de mai. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-24/crise-impulsiona-a-retomada-dos-protestos-no-chile.html>. Acesso em: 09/03/21.

NIEBIESKIKWIAT, N. (2020). En todo el país Banderazo del 12-O: cuarentena, economía y justicia los reclamos en las masivas protestas contra el Gobierno. **Clarín**, 11 de abr. de 2020. Disponível em:

https://www.clarin.com/politica/comienza-banderazo-12-gobierno-nacional-distintos-puntos-pais_0_j0Q-04rbg.html. Acesso em: 06/03/21.

PAPALEO, C. (2020). Argentina a um año de la elección de Alberto Fernández: tensiones internas y gestión de crisis. **DW**, 26 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/es/argentina-a-un-a%C3%B1o-de-la-elecci%C3%B3n-de-alberto-fern%C3%A1ndez-tensiones-internas-y-gesti%C3%B3n-de-crisis/a-55342409>. Acesso em: 05/03/21.

ROUBICEK, M. (2021). As pressões em Brasília pela volta do auxílio emergencial. **Nexo Jornal**, 25 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/01/25/As-press%C3%B5es-em-Bras%C3%ADlia-pela-volta-do-aux%C3%ADlio-emergencial>. Acesso em: 08/03/21.

SANCHES, M.; CARDOMINGO, M.; CARVALHO, L. Quão mais fundo poderia ter sido esse poço? Analisando o efeito estabilizador do Auxílio Emergencial em 2020. **Nota de Política Econômica** n° 007. MADE/USP, 2021.

SIMONDET, J. (2021). El Gobierno arranca el año con una fuerte caída de imagen en la opinión pública. **La Nación**, 20 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/el-gobierno-arranca-el-ano-con-una-fuerte-caida-de-imagen-en-la-opinion-publica-nid2565402/>. Acesso em: 06/03/21.

CNN. (2021) Tasa de desempleo en 2020 llegó a 10,7%: Comercio y construcción entre las mayores bajas. **CNN CHILE**, 19 de fev. de 2021. Disponível em: [https://www.cnnchile.com/economia/tasa-de-desempleo-2020-comercio-construccion_20210219/#:~:text=El%20INE%20detall%C3%B3%20que%20durante,\(5%2C0%20pp\)](https://www.cnnchile.com/economia/tasa-de-desempleo-2020-comercio-construccion_20210219/#:~:text=El%20INE%20detall%C3%B3%20que%20durante,(5%2C0%20pp).). Acesso em: 09/03/21.